
O MISTICISMO COMO PRINCÍPIO DE IDENTIDADE EM PAUL TILLICH: UM FERRAMENTAL TEÓRICO PARA UMA ANÁLISE DA MÍSTICA DO MOVIMENTO PENTECOSTAL

Mysticism as a Principle of Identity in Paul Tillich: A Theoretical Framework for an Analysis of the Mysticism of the Pentecostal Movement

Marcos Novaes da Silva*

José Roberto de Souza**

Resumo: O artigo investiga o “princípio de identidade” na teologia de Paul Tillich, entendido como expressão de sua concepção de mística, e pergunta em que medida esse conceito pode servir como ferramenta teórica para compreender a mística do movimento pentecostal. O método combina análise conceitual e histórico-teológica: examina aspectos biográficos de Tillich e as influências filosóficas e teológicas que moldam sua mística, especialmente o princípio de identidade; em seguida, apresenta a trajetória histórica do pentecostalismo e sua ênfase na experiência mística. Por fim, estabelece um diálogo anacrônico entre Tillich e o pentecostalismo. A tese sustenta que o conceito tillichiano de identidade oferece um referencial interpretativo capaz de iluminar tanto convergências quanto tensões entre a mística filosófico-teológica de Tillich e a experiência religiosa pentecostal.

Palavras-chave: Princípio de identidade; Mística; Pentecostalismo.

Abstract: The article investigates the “principle of identity” in the theology of Paul Tillich, understood as an expression of his conception of mysticism, and asks to what extent this concept can serve as a theoretical tool for understanding the mysticism of the Pentecostal movement. The method

* Doutor em Educação, Arte e História da Cultura pelo Centro de Educação, Filosofia e Teologia (CEFT), da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Realizou estágio pós- doutoral pelo Laboratório de Política, Comportamento e Mídia - Labô, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5939415740200135>. E-mail: marcosnovaessilva@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5985-5818>.

** Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Realizou estágio pós- doutoral pelo Centro de Educação, Filosofia e Teologia (CEFT), da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6613894140812704>. E-mail: revjoseroberto@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7275-4325>.

combines conceptual and historical-theological analysis: it examines biographical aspects of Tillich and the philosophical and theological influences that shaped his mysticism, especially the principle of identity; it then presents the historical development of Pentecostalism and its emphasis on mystical experience. Finally, it establishes an anachronistic dialogue between Tillich and Pentecostalism. The thesis argues that Tillich's concept of identity provides an interpretive framework capable of illuminating both convergences and tensions between Tillich's philosophical-theological mysticism and Pentecostal religious experience.

Keywords: Principle of identity; Mysticism; Pentecostalism.

Introdução

“O racionalismo e o misticismo não se contradizem como, em geral, se pensa”.¹

Este artigo tem como objetivo apresentar uma abordagem analítica sobre um aspecto da transcendentalidade do pensamento do teólogo e filósofo teuto americano Paul Tillich (1886-1965). O texto busca explorar o conceito tillichiano de “princípio de identidade”, entendido como a ideia da mística inserida na fenomenologia filosófica e teológica de Tillich. Tal conceito é analisado como uma questão metodológica aplicada ao estudo de caso do movimento pentecostal.

Em Tillich, percebe-se uma abordagem multiparadigmática, ou seja, ele adota diferentes perspectivas para tratar de um mesmo fenômeno ao longo de sua vasta produção acadêmica. Neste trabalho, escolhemos o princípio de identidade como elemento central que revela um Paul Tillich para além das questões puramente filosóficas e abstratas, destacando sua inclinação para o místico. Por meio de sua trajetória familiar, da tradição cristã clássica e do diálogo com diversos filósofos e correntes teóricas, Tillich procurou construir uma ontologia do sagrado, orientada para um Cristianismo experienciável.

Com base nas categorias kantianas, Rudolf Otto faz uma crítica ao Cristianismo. Ao tentar racionalizar o ser de Deus, o Cristianismo buscou defini-lo com clareza e lógica, negligenciando o fato de que Deus não pode ser completamente apreendido pela razão. Otto alerta “contra um mal-entendido que levaria a uma interpretação enganosa e unilateral, ou seja, a opinião de que os atributos racionais esgotariam a essência da

¹ Paul Tillich, *Perspectivas da Teologia Protestante nos Séculos XIX e XX* (São Paulo: ASTE, 2004), 52.

divindade”.² Ele aponta a ortodoxia como um dos fatores responsáveis pelo excesso de racionalismo: “ao formular doutrina, a ortodoxia não soube fazer justiça ao elemento irracional do seu objeto e mantê-lo vivo na experiência religiosa, racionalizando unilateralmente a ideia de Deus”.³

Quando Otto se aposentou, em 1929, sua cátedra foi assumida por Paul Tillich, que continuou a explorar a construção de uma ontologia fenomenológica. Essa ontologia buscava resgatar, tanto na Filosofia quanto na Teologia, o princípio de identidade e o elemento místico da relação com o Absoluto.

A partir do conceito de princípio de identidade como instrumento teórico, analisaremos a mística presente no movimento pentecostal. Este movimento se destaca como uma manifestação religiosa que exemplifica a ênfase na experiência religiosa, de forma análoga ao que foi apontado por Tillich. Nessa perspectiva, Tillich também se enquadra na categoria de místico.

1. Fragmentos Biográficos – Tillich e o nascimento do seu misticismo

“O lado místico do pensamento de Tillich foi sempre mantido em tensão com o aspecto profético”.⁴

Baseado em seu paradigma social, Michel de Certeau afirma que os indivíduos produzem códigos e mecanismos interpretativos atinentes a uma instituição de poder. Sua racionalidade será, então, limitada aos pressupostos de suas crenças, sendo que toda produção intelectual está atrelada às concepções valorativas e religiosas do sujeito – neste aspecto, não há neutralidade aplicada ao campo científico ou a qualquer pesquisa.⁵

Olhando para as afirmativas de Certeau, poder-se-á buscar algumas pistas deixadas por Tillich, “alguns códigos”, por meio de análises, mesmo que sejam de alguns fragmentos biográficos de sua vasta carreira, na tentativa de compreender o seu misticismo – elemento que o acompanhou por toda a sua vida como estudante, pastor, teólogo e filósofo.

Não é uma tarefa fácil sistematizar a vida de um autor renomado como Paul Tillich. Dentre as muitas possibilidades de sistematização periódica de sua vida e obra,

2 Rudolf Otto, *O Sagrado: Os Aspectos Irracionais na Noção do Divino e sua Relação com o Racional* (São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007), 34.

3 Otto, *O Sagrado*, 35.

4 Carl E. Braaten, quoted in Tillich, *Perspectivas da Teologia Protestante nos Séculos XIX e XX*, 28.

5 Michel de Certeau, *A escrita da história* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011).

encontramos as etapas apresentadas em *Autobiographical Reflections*, que faz parte de uma obra de vários autores sobre a teologia de Tillich, publicada originalmente em 1952, e apresentadas por Ribeiro. As etapas são: *os primeiros anos* (1886-1900), *os anos pré-guerra* (1900-1913), *os anos após o início da Primeira Guerra Mundial* (1914-1933) e *os anos americanos* (1933-1965).⁶

É perceptível que a força do sagrado permeia o ambiente da infância de Tillich, impondo-lhe marcas que o acompanhariam em suas reflexões teológicas e filosóficas futuras. Tillich viveu, ainda na puberdade, uma vida paroquial. Ele era filho de pais protestantes da Igreja Luterana da Alemanha. Seu pai foi um importante bispo da Igreja. Segundo Ribeiro: “A vivência de sua infância em casa paroquial e na igreja de estilo gótico produziu em Tillich forte admiração pelo sagrado. Isso marcou a sua reflexão tanto nos trabalhos sobre religião como nos teológicos”.⁷ De posse da experiência religiosa da infância, Tillich conduzirá sua produção acadêmica profícua, tendo como horizonte hermenêutico e metodológico a análise do sagrado.

Tillich nasceu em Starzeddel, uma pequena cidade da Prússia (que hoje é parte do território da Polônia). Após a Segunda Guerra Mundial, essa região passou a integrar a antiga Alemanha Oriental. Tillich tinha, segundo biógrafos,⁸ 17 anos quando perdeu sua mãe. A perda irreparável da mãe, por quem sentia uma espécie de amor edípico, e o autoritarismo do pai criaram no adolescente Tillich uma visão negativa sobre o Deus do teísmo, representado pela figura autocrática de seu pai. Estes são dados que não se pode ignorar ao tentar entender a questão do sagrado em Tillich. Segundo Calvani, que traz aspectos da vida de Paul Tillich nos respectivos contextos históricos que o afetaram em seu período de formação:

Nas memórias de Tillich e também no testemunho de terceiros, o pai de Tillich é apresentado como um homem autoritário, rígido, severo e elitista, enquanto a mãe sempre é descrita como uma pessoa dócil, sensível, carinhosa e protetora do primogênito. O rigor, a autoridade e a severidade do pai seriam mais tarde associados pelo próprio Tillich ao teísmo, enquanto a personalidade da mãe enunciava maior flexibilidade e maleabilidade.⁹

6 Claudio de Oliveira Ribeiro, “Teologia no plural: fragmentos biográficos de Paul Tillich,” *Correlatio* 3 (2003): 3–26.

7 Ribeiro, “Teologia no plural,” 5.

8 Carlos Eduardo Calvani, “A fronteira é o melhor lugar para adquirir conhecimento – Circunstâncias históricas e pessoais da formação de Tillich,” *Estudos de Religião* 30, no. 3 (2016): 165–88.

9 Calvani, “A fronteira é o melhor lugar para adquirir conhecimento,” 167–68.

A mãe de Tillich (Johanna) representava uma espécie de proteção frente ao dogmatismo luterano e ao autoritarismo do seu pai. Rollo May, ex-aluno de Tillich e seu amigo, publicou uma biografia póstuma do teólogo. Sendo um psicólogo de renome, sugere que Tillich nunca conseguiu, definitivamente, superar a perda da mãe, sempre contrastada com a figura pública e religiosa do pai.¹⁰

A perda de Johanna causou perturbações na vida religiosa e sexual de Tillich, que refletiram em seus comportamentos ambíguos no casamento e na vida religiosa.¹¹

Pode-se pensar que é aqui, neste *ethos* da vida de Tillich – ainda em sua adolescência, vivida em meio à burguesia luterana – que se dá início ao seu pensamento fronteiriço: entrelugares, entre pessoas, entre filosofias, entre teologias, entre-Deus-e-mundo, entre-heteronomia-e-teonomia, entre racionalismo-e-misticismo, entre o velho e o novo mundo – dicotomias psicologicamente tipificadas na amabilidade da mãe e no autocratismo do pai. Aqui pode estar o germe da fundamentação de seu principal conceito: o “princípio de correlação” – a necessidade de pensar a realidade em conjunto com outra realidade, na medida em que ambas se encontram em relação recíproca. Permitindo, portanto, um ângulo de percepção da realidade criativo e multifacetado, completo e dinâmico, como se percebe em seus principais textos.¹²

Seu pensamento interdisciplinar e seus metatextos abrangeram as enormes mudanças e conflitos sociais, políticos, tecnológicos e intelectuais pelos quais ele viveu. Ele não se enquadra facilmente nas categorias existentes e simplistas de qualquer universo acadêmico.

Outro elemento central da formação mística de Tillich foi sua convivência como pregador da Igreja. Entre os anos de 1904-1914, Tillich recebeu boa parte da sua formação teológica e filosófica, obtendo seu doutorado pela Universidade de Breslau, sendo ordenado ao ministério pastoral na Igreja de São Mateus, em Berlim, e tornando-se pregador assistente na Igreja do Redentor em Berlim-Moabit.

10 Rollo May, *Paulus – Reminiscences of a Friendship* (New York: Harper & Row, 1974).

11 A intimidade sexual de Tillich foi dissecada por Hanna, sua esposa, em uma autobiografia póstuma e polêmica. Cf. *Hannah Tillich, From Time to Time* (New York: Stein and Day, 1973).

12 Seguem as principais obras de Tillich em português: Paul Tillich, *A coragem de ser* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972); Paul Tillich, *Dinâmica da fé* (São Leopoldo: Sinodal, 1985); Paul Tillich, *Teologia sistemática* (São Paulo: Paulinas/São Leopoldo: Sinodal, 2005); Paul Tillich, *História do pensamento cristão* (São Paulo: ASTE, 1988); Paul Tillich, *Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX* (São Paulo: ASTE, 1986); Paul Tillich, *A era protestante* (São Bernardo do Campo: Ciências da Religião/Traço a Traço Editorial, 1992); Paul Tillich, *Amor, poder e justiça* (São Paulo: Novo Século, 2004); Paul Tillich, *Teologia da cultura* (São Paulo: Fonte Editorial, 2009).

A relação entre Tillich e a Igreja parece ambígua e contraditória. Alguns autores parecem sugerir que Tillich foi um teólogo de gabinete, sem vivências com a igreja; inclusive, é o que apontam seus biógrafos Wilhelm e Marion Pauck em *Paul Tillich, His Life and Thought* (1976). Stanley Grenz e Roger Olson, apontando nessa direção, afirmam que Tillich “era conhecido como um cristão ecumênico, mas raramente ia à igreja e, ao que parece, seu estilo de vida era bastante promíscuo”.¹³

Entretanto, Calvani nos conduz para outra direção da vida do teólogo e filósofo prussiano. Segundo este autor, por volta dos cinquenta anos, Tillich passou a ser muito requisitado para pregar em cultos na capela das universidades onde lecionava e, eventualmente, também encarava o púlpito da Igreja, por vezes pregando em cerimônias a convite de amigos.¹⁴

No Brasil, poucos conhecem o “Tillich pregador”; fomos apenas apresentados ao Tillich dos textos acadêmicos e abstratos. Seus sermões ainda não foram publicados em português, e a lacuna permanece. Entrementes, o que nos interessa é a mística que envolvia a preparação e a entrega de seus sermões. Tillich era um homem acadêmico e místico, na expressão exata deste termo. Sua secretária, Grace Calí, revela como era a preparação e reflexão de Tillich durante todas as manhãs, em momentos intensos de solidão, solapados pela angústia e ansiedade,¹⁵ temas que afloram em sua personalidade, em suas prédicas e nos seus escritos:

Eu chegava geralmente às 10 horas. Tillich chegava antes porque sempre fazia questão de ter um precioso momento de solidão durante pelo menos meia hora. Eu às vezes imaginava o que ele fazia durante esse tempo em que ficava sozinho no escritório fechado... mais tarde descobri que ele lia a Bíblia e meditava nela e em textos budistas, de religiões orientais ou em obras de místicos. Sua sala particular era decorada com ícones, quadros e algumas estátuas de deusas, o que criava uma aura de misteriosa sabedoria e serenidade [...] Seu período de silêncio e renovação cada manhã era inviolável antes de começar os trabalhos e atividades do dia. Ele me recomendava não lhe passar ligações telefônicas durante esses momentos.¹⁶

13 Stanley J. Grenz and Roger E. Olson, *A teologia do século 20 e os anos críticos do século 21: Deus e o mundo numa era de transição* (São Paulo: Cultura Cristã, 2013).

14 Calvani, “A fronteira é o melhor lugar para adquirir conhecimento.”

15 Ele escreveu um livro inteiro sobre a ansiedade: *A coragem de ser*. O título deste livro, “A coragem de Ser”, reúne ambos os significados do conceito de coragem, o ético e o ontológico.

16 Carlos Eduardo Calvani, “Espiritualidade e pregação em Tillich,” *Estudos Teológicos* 44, no. 2 (2004): 18–19.

Como veremos a seguir, Tillich herdou a mística germânica. Essa herança deu a ele uma base cosmológica à sua racionalidade, a qual se refletia em seus sermões. Em um dos seus sermões em que mais transparece a base mística da teologia de Tillich, com o tema “*Presença Espiritual*”, baseado em 2 Coríntios 3.5-6, ele afirma:

Você pode dizer: “Nunca experimentei esse poder” ... De fato, o poder do Espírito pode provocar êxtase de um modo que nunca experimentamos. Pode nos conduzir a um tipo de auto sacrifício que não estamos dispostos a fazer... pode nos inspirar a *insights* da profundidade do ser que permanecem inalcançáveis para a maioria de nós..., mas onde está o Espírito, aí há uma possibilidade, ainda que mínima, de êxtase; um elemento, ainda que fraco, de consciência do mistério da existência. Mas o Espírito pode trabalhar de outras formas e em outros graus ou níveis – através de uma leve, mas insistente voz, fazendo-lhe ver que sua vida é vazia de significado, mas que há uma chance de nova vida esperando atrás da porta; o Espírito pode lhe dar a coragem de dizer sim à vida, a despeito da destrutividade que você experimenta em si mesmo e ao seu redor; o Espírito pode fazer com que você ame, com o amor divino, alguém que lhe desagrade profundamente ou alguém por quem você não se interessa; o Espírito pode libertá-lo da inimizade oculta, pode lhe dar a vitória sobre a ansiedade e pode lhe dar um poder de orar que ninguém tem, exceto através da Presença Espiritual. [...] Você não pode forçar o Espírito sobre si mesmo... Podemos esperar por ele, podemos clamar por ele, mas não podemos forçá-lo.¹⁷

A figura que se popularizou de Tillich entre grupos evangélicos conservadores no Brasil destoa do Tillich que estamos apresentando, do Tillich como pregador. Seus sermões, em linguagem mais simples e direta, revelavam a dramaticidade da existência humana e a necessidade de reconhecer a contradição da existência e a dependência de Deus. Seus sermões ecoam seus escritos. Em sua obra *Perspectivas da Teologia Protestante nos séculos XIX e XX*, Tillich revelou como acontece essa ambiguidade da existência humana e como nela nos encontramos com Deus:

Nenhum de nós é harmonioso. Não há harmonia em nossa mente. Nem estamos em harmonia com Deus. Estamos em oposição a Deus e lutamos com ele. Não obstante, por detrás de todos, o destino ou a

17 Paul Tillich, *The Eternal Now* (New York: Charles Scribner's Sons, 1963).

providência conduz a realidade de tal maneira que no fim tudo dá certo. Somos trazidos de volta a Deus ou a nós mesmos, apesar de tudo.¹⁸

Nestes sermões, fica clara a utilização do método de correlação apresentado em sua *Teologia Sistemática*. Para Tillich, o evangelho oferece resposta divina à situação humana limite em todas as épocas e culturas. Suas pregações relacionam a religião com a política, com a cultura, com a arte e com a moralidade, conduzidas sempre por sua ideia da presença do *Logos* no mundo. O conceito de *Logos* explorado por Tillich estava presente nos primórdios do Cristianismo. Como exemplo, podemos mencionar um dos chamados pais da Igreja, Justino, o Mártir (100-165). Como afirmam Giovanni e Dario, Justino retomou de Fílon a doutrina do *Logos*, que identificou com Cristo: nos homens estão presentes “sementes” do Logos, graças às quais cada homem pode conhecer parte da verdade.¹⁹

O conceito do *Logos Spermaticos* (a “semente do Logos”) permeia a atuação conceitual da teologia tillichiana e pavimenta seu misticismo. Em uma conversa com o físico e teórico alemão Albert Einstein (1879-1955), Tillich revelou como o seu conceito do Logos se relaciona com a razão técnica, defendendo que há outras dimensões além da razão objetiva:

Ao discutir comigo a ideia de Deus, Einstein afirmou que o milagre da estrutura da realidade consistia no que chamamos de divino. Era 50 por cento do que eu denomino de conceito do logos. Vocês estão vendo que o mais importante representante da razão técnica tinha consciência das outras dimensões da razão.²⁰

Ademais, Tillich vinha na esteira de outros místicos, como Nicolau de Cusa (1401-1464), e da tradição mística do mundo ocidental, tida como suspeita pelos filósofos do Iluminismo. O seu misticismo é fruto de suas experiências de vida, bem como de correntes filosóficas e teológicas que pavimentaram o seu princípio de identidade.

18 Tillich, *Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX*, 72.

19 Giovanni Reale and Dario Antiseri, *História da filosofia: patrística e escolástica* (São Paulo: Paulus, 2003), 39.

20 Tillich, *Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX*, 64.

2. Amalgamas filosóficas e Teológicas que impulsionaram a mística em Tillich – o “princípio de identidade”

“No anoitecer de sua vida, um dos maiores teólogos protestantes do século XX toma pela mão suas alunas e seus alunos e percorre com eles os caminhos do diálogo entre o pensamento teológico que vai de Schleiermacher a Barth, passando por Ritschl e Bultmann, e o pensamento filosófico que vai do racionalismo ao existencialismo, passando pelo idealismo e pelo marxismo. Um canto de cisne iluminador”.²¹

Foi esta mensagem da quarta capa da obra *Perspectivas da Teologia Protestante nos séculos XIX e XX*, de Tillich, que aguçou nosso desejo de conhecê-lo mais amplamente. Porém, esta é uma tarefa hercúlea, devido à grandeza e riqueza do pensamento tillichiano. Grosso modo, seu pensamento dialoga com grandes correntes filosóficas e teológicas do passado, buscando sempre, na tradição clássica cristã – nos pais latinos, gregos, como nos escolásticos e místicos da Idade Média – a interface com sua filosofia/teologia. Um dos conceitos-chave que norteia o pensamento de Tillich é o princípio de identidade. Segundo Tillich, “o princípio de identidade baseia-se no misticismo: a identidade do infinito com o finito. O princípio da distância se baseia na alienação, na finitude e culpa presentes na situação humana”.²²

Percebe-se, então, que o elemento estruturante que pavimenta o princípio de identidade é o misticismo, que Tillich procurou na Filosofia Antiga, na Patrologia, no Idealismo Alemão (na filosofia alemã clássica de modo geral), no Romantismo Alemão e germanista de modo universal.

O princípio de identidade opõe-se, na teologia de Tillich, ao princípio do contraste, ou da contradição, que estão imbricados no racionalismo. Ele apresenta, por exemplo, essa tensão nas filosofias de Espinosa e Kant: Espinosa representando o princípio de identidade, no sentido de defender a substância única do universo; e Kant, o do distanciamento crítico. Porém, os esforços da grande síntese entre esses filósofos “resultaram do misticismo, do princípio de identidade entre o divino e o humano”.²³

Não há espaço, neste texto, para uma investigação da influência de Kant em Tillich, mas basta mencionar que, em Kant, há a pressuposição da existência de determinados objetos que estão acima de qualquer experiência possível e, portanto, acima

21 Texto de contracapa de Tillich, *Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX*.

22 Tillich, *Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX*, 182.

23 Tillich, *Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX*, 122.

de qualquer conhecimento possível, sendo que qualquer conhecimento precisa da experiência. Grosso modo, o Deus de Tillich seria uma espécie de *número* na concepção kantiana.

Em Kierkegaard, Tillich também encontrou essa dualidade entre os dois tipos de religião: “religiosidade A” e “religiosidade B”. É de se esperar que um filósofo como Kierkegaard exerça influência em um teólogo como Tillich. Segundo o filósofo dinamarquês, o homem do estágio religioso viverá a angústia de Abraão, e seu testemunho será doloroso. Para Kierkegaard, ser cristão é sofrer por amor a Deus, é ser perseguido, incompreendido, é estar apartado da multidão. Segundo Kierkegaard, comete um erro muito grande quem procura o Cristianismo para fugir do sofrimento, do calvário. Esse vive um falso cristianismo. É o cristianismo dos rituais externos e não do grande acontecimento íntimo que muda completamente a existência. O Cristianismo oferece uma proposta. O princípio de identidade em Kierkegaard estaria em sua busca pela religião por meio do salto de fé.²⁴

Para Tillich, o princípio de identidade e todos os misticismos sempre foram muito perigosos para os movimentos hierarquizados, os quais propagavam a mediação sacerdotal entre Deus e o homem, como acontecia no catolicismo romano e em boa parte do protestantismo. Segundo Tillich,

As igrejas protestantes foram tão hostis aos grupos místicos quanto a Católica Romana. Foram hostis aos quakers, por exemplo, que afirmavam de certa forma o princípio de identidade. Suspeitavam do misticismo porque possibilitava a imediata união com o divino sem a mediação da igreja.²⁵

É neste ponto que encontramos a brecha necessária para fruirmos o pensamento de Tillich com a mística ou o princípio de identidade do movimento pentecostal, de quem falaremos mais adiante.

O misticismo de Tillich tem suas origens em um dos filósofos que mais exerceu influência sobre seu pensamento: Friedrich Wilhelm Joseph Schelling (1775-1854), que foi um filósofo alemão e um dos principais representantes do idealismo e do romantismo. Schelling, à semelhança de Tillich, veio de um lar protestante, e sua filosofia foi marcada pela procura da reconciliação da natureza e do espírito com o Absoluto, criando um sistema que se pavimenta pela mística, ou pelo princípio de identidade. Carl E. Braaten

24 Søren Aabye Kierkegaard, *O Conceito de angústia* (Petrópolis: Vozes, 2013).

25 Tillich, *Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX*, 121.

afirma, acertadamente, que Schelling deu a Tillich “o tremendo modelo de pensamento dialético fundamentado em categorias místico-ontológicas”.²⁶ Foi sobre esta inspiração ontológica que se desenvolveu sua teologia/filosofia.

Tillich se especializou no pensamento de Schelling. Ele procurou descobrir de que maneira Schelling tentou resolver o problema dessa tensão entre a existência e o Absoluto. Sua tese de doutoramento foi sobre esta problemática em Schelling, o que resultou no livro *Misticismo e Consciência de Culpa no Desenvolvimento Filosófico de Schelling* (1912). Em termos mais abstratos, afirma Tillich, “essa tensão poderia se expressar por meio da relação entre o princípio de identidade e o de contraste, ou de contradição, pelo menos em sentido moral”.²⁷

Schelling foi um pensador de sínteses, uma característica fortemente encontrada em Tillich. Ele utilizava a epistemologia crítica de Kant com a ontologia de Espinosa. Segundo testemunho de Tillich, “no início de sua carreira, Schelling seguia às últimas consequências o princípio espinosista da unidade ontológica de todas as coisas na substância eterna”.²⁸ Defenderia Tillich um panteísmo espinosista como consequências da influência de Schelling? Certamente que não, embora a unidade ontológica seja marca característica do pensamento de Tillich. Seguramente Schelling se ocupou do problema religioso, da presença do espiritual no material.²⁹

Ademais, dentre tantos outros pensadores que formaram o pensamento eclético de Tillich,³⁰ não poderíamos esquecer o nome de Friedrich Schleiermacher (1768-1834). Optamos por apresentar Schleiermacher pelas lentes do próprio Tillich.³¹

Para Tillich, Schleiermacher é o pai da teologia protestante moderna – um título dado a ele no século XIX, até ser desertado pela teologia neo-ortodoxa no século XX. É

26 Braaten, quoted in Tillich, *Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX*, 31.

27 Tillich, *Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX*, 99.

28 Tillich, *Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX*, 158.

29 “A filosofia ou teologia de Schelling era muito mais uma doutrina da graça, acentuando a realidade divina dada antes de nossos méritos e de nossos atos morais. Dessa forma, a filosofia natural redescobria a graça em oposição ao moralismo do iluminismo” (Tillich, *Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX*, 161).

30 Edmund Husserl e Martin Heidegger também influenciam o pensamento filosófico e teológico de Tillich.

31 Algumas obras de Schleiermacher em português: Friedrich Schleiermacher, *Hermenêutica: arte e técnica da interpretação* (Petrópolis: Vozes, 2010); Friedrich Schleiermacher, *Hermenêutica e Crítica*. Vol. 1 (Ijuí: Editora Unijuí, 2005); Friedrich Schleiermacher, *Sobre a religião* (São Paulo: Fonte Editorial, 2000).

necessário lembrar que, assim como Schelling, Schleiermacher foi educado nos parâmetros da ortodoxia protestante.³²

Segundo Tillich, Schleiermacher é o responsável por fazer a grande síntese no terreno teológico, trazendo consequências para todo labor teológico posterior. A grande vitória de Schleiermacher foi sobre o Iluminismo, não negando a importância e as proposições iluministas, mas superando-o em outro nível da experiência e da mística. Em Schleiermacher, a Teologia dá as mãos à Filosofia, a reflexão abstrata ao exercício do encontro com o Absoluto. Segundo Tillich, Schleiermacher dizia que um verdadeiro filósofo pode muito bem ser também um verdadeiro crente. Conseguia combinar piedade e filosofia, e havia muita piedade em Schleiermacher em consequência de suas antigas associações com os morávios. Conseguia combinar a piedade com a coragem de cavar nas profundezas do pensamento filosófico.³³

À frente, encontramos uma citação que Tillich faz de Schleiermacher: “os pensamentos mais profundamente filosóficos identificam-se completamente com o meu sentimento religioso mais íntimo”.³⁴

Em síntese, o Iluminismo reduzira a religião a conhecimento de Deus; houve uma forte ênfase nos argumentos a favor da existência de Deus, mas esse Deus permanecia longe, muito transcendental e pouco imanente. Isso se deu precisamente na seara da Teologia Natural e na Teologia Moral, em especial com a influência de Kant, o qual, para Tillich, sustentava a religião como um mero instrumento para a realização do seu imperativo moral. Assim, os aspectos éticos foram valorizados em detrimento da mística.

A base para a separação entre Deus e o mundo estava lançada. Foi o que aconteceu com o deísmo do século XVIII na Inglaterra, com a filosofia de John Locke,

Era uma filosofia da religião onde [na qual] a existência de Deus se estabelecia pela teologia natural, mas de tal modo que não interferisse nas atividades da sociedade burguesa. Esse era importante pré-requisito para a admissão da existência de Deus. Se Deus pudesse interferir de alguma forma, não seria então reconhecido como tal. Deus foi, então, posto ao lado do mundo como o seu criador ou como o relojoeiro -

32 “Se vocês lerem a sua dogmática, *The Christian Faith*, verão que nunca elabora os pensamentos sem primeiramente se referir à ortodoxia clássica, indo daí para a crítica do pietismo à ortodoxia, e finalmente à crítica que o iluminismo fazia a ambas. Trata-se de importante procedimento para qualquer trabalho de reflexão teológica” (Tillich, *Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX*, 45).

33 Tillich, *Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX*, 114.

34 Schleiermacher, quoted in Tillich, *Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX*, 114.

imagem bastante usada - que depois de ter feito o relógio dera-lhe corda e deixara que funcionasse sem a sua intervenção constante.³⁵

É nesse cenário que o pensamento de Schleiermacher se faz sentir. Para Schleiermacher, religião é sentimento³⁶ – como ele deixa claro na obra *Sobre a Religião, Discursos Dirigidos aos Cultos dentre seus Detratores*,³⁷ ao defender, como o título sugere, a religião de forma apologética de seus algozes. Para Tillich, “o princípio de identidade em contraste com o princípio do dualismo deu a Schleiermacher a possibilidade de criar uma nova compreensão da religião”.³⁸ Schleiermacher teria sido aluno de Schelling e experimentado igualmente o significado do princípio da identidade.

O axioma de Schleiermacher de “dependência incondicional” ou “dependência incondicional na religião”, exerceu enorme influência na teologia tillichiana. Tillich ao responder a uma pergunta de um aluno sobre qual é o papel das emoções na vida religiosa para ele e para Schleiermacher, diz:

Ao procurar responder sua pergunta sobre Schleiermacher também respondi a respeito de mim mesmo, porque essa “dependência incondicional” é apenas uma forma mais estreita de dizer “preocupação incondicional”.³⁹

O “sentimento de dependência absoluta” de Deus em Schleiermacher é um correlato da “preocupação última com o fundamento e sentido de nosso ser”, de Tillich.⁴⁰ Por fim, Tillich viu na mística o potencial da teonomia, que surge quando a heteronomia exerce um poder coercitivo sobre as estruturas autônomas da vida. A heteronomia impõe uma lei (*nomos*) estranha (*heteros*) a uma ou a todas as funções da razão. Ela emite ordens a partir de “fora” sobre como a razão deveria apreender e configurar a realidade. Mas este “fora” não significa meramente “do exterior”.⁴¹ Como oposição a este conceito, surge o que Tillich chama de *autonomia*, que “significa a obediência do indivíduo à lei da

35 Tillich, *Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX*, 115.

36 “Mas ‘sentimento’, em Schleiermacher, não deveria ter sido entendido como emoção subjetiva. Em vez disso, era o impacto produzido pelo universo sobre nós nas profundezas de nosso ser, capaz de transcender sujeito e objeto. É óbvio que essa era a intenção de Schleiermacher”. Tillich, *Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX*, 117.

37 Friedrich Schleiermacher, *On Religion: Speeches to Its Cultured Despisers*, (New York: Frederick Ungar Publishing Co., 1955).

38 Tillich, *Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX*, 117.

39 Tillich, *Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX*, 126.

40 Tillich. *Teologia sistemática* (2005).

41 Paul Tillich, *Teologia sistemática* (São Leopoldo: Sinodal, 2005).

razão, lei que ele encontra em si mesmo como ser racional. O nomos (lei) dos autos (self) não é a lei da estrutura da própria personalidade”.⁴²

Acima desses conceitos, o teólogo procura discernir um terceiro conceito que supera a heteronomia e a autonomia. Este conceito é denominado teonomia (*nomos*) de Deus (*theos*). Significa “a razão autônoma unida à própria profundidade”.⁴³ Em outras palavras, na acepção que tomamos anacronicamente de Tillich, a igreja com suas estruturas pode se tornar heteronímica, enquanto o racionalismo cartesiano se tornou anômico; é necessária a superação.⁴⁴ Essa superação é aceitar a teonomia, porque nem a autonomia nem a heteronomia, isoladas e em conflito, “podem dar-nos uma resposta”.⁴⁵

A trinômia de Tillich (*autonomia*, *heteronomia* e *teonomia*) pode ser aplicada a muitos campos de análises, inclusive ao movimento pentecostal.

3. O pentecostalismo como movimento da mística

“... ninguém pode negar que o movimento está em crescimento. ... reúnem-se em derredor de uma ênfase dada à experiência do Espírito Santo na vida do crente individual e na comunhão da Igreja”.⁴⁶

Frederick Dale Bruner, um escritor que escreveu sobre a *Teologia do Espírito Santo*,⁴⁷ afirmou que o movimento pentecostal, já na época da publicação desta sua obra (1970), estava experimentado um grande crescimento tanto ideológico como numérico. E hoje, segundo dados da jornalista Elle Hardy, autora de *Beyond Belief: How Pentecostal Christianity Is Taking Over the World* (2021):⁴⁸

Cerca de 2 bilhões de cristãos em todo o mundo, mais de um quarto são agora congregados às igrejas pentecostais, diante de apenas 6% em 1980. Prevê-se que em 2050, um bilhão de pessoas – ou um em cada dez de nós – estará dentro dessa igreja. Nada mal para um movimento

42 Tillich, *Teologia sistemática*, 97.

43 Tillich, *Teologia sistemática*, 98.

44 Este último parágrafo é uma adaptação do uso que faço da *Teologia Sistemática* de Tillich (2005) em minha tese de doutoramento: Marcos Novaes da Silva, *Um diálogo entre João Amos Comenius e Paulo Freire sobre educação libertadora à luz do personalismo cristão* (PhD diss., Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2024).

45 Tillich, *Teologia sistemática*, 99.

46 Frederick Dale Bruner, *Teologia do Espírito Santo* (São Paulo: Vida Nova, 1986), 15.

47 Bruner, *Teologia do Espírito Santo*.

48 Elle Hardy, “Além da crença: Como o cristianismo pentecostal está dominando o mundo,” 2021.

iniciado em Los Angeles em 1906 pelo filho de escravos libertos, há muito considerado o filho bastardo do cristianismo.⁴⁹

Segundo o Dr. Paul Freston, renomado sociólogo e estudioso do movimento pentecostal no Brasil, “o nome pentecostalismo está relacionado ao incidente de Pentecostes, narrado em Atos dos Apóstolos”.⁵⁰ Assim, os pentecostais acreditam estar retornando às origens da igreja primitiva. Destaca-se também uma forte expectativa escatológica quanto à volta de Jesus e um intenso “empenho missionário” como fruto dessa visão.

Apesar das controvérsias, Freston situa a origem do pentecostalismo no ano de 1906, em Los Angeles. Entre 1900 e 1901, um dirigente de uma escola bíblica na cidade de Topeka, Kansas (e não Kansas City, como às vezes se confunde), chamado Charles Parham (1873-1929), junto com pessoas das igrejas *holiness* – de santidade –, começou a falar sobre o “batismo com o Espírito Santo” como uma experiência posterior à conversão.

Na noite de 31 de dezembro de 1900 para 1º de janeiro de 1901, alguns alunos da escola de Parham falaram em “línguas”. Falar em línguas, segundo Freston, é um fenômeno experimentado também por movimentos messiânicos no Brasil. A *glossolalia* – nome técnico para esse fenômeno – não era novidade. A novidade foi a interpretação de Parham, que via a *glossolalia* como a evidência do batismo com o Espírito Santo – uma experiência singular para os pentecostais.

Essa interpretação causou a separação da igreja de Parham dos movimentos de santidade, que não viam conexão entre o falar em línguas e o “batismo com o Espírito Santo”.

Para Freston, “Parham fora um sujeito interessante”.⁵¹ Isso por alguns motivos. Primeiramente, ele era aniquilacionista – acreditava que os não salvos seriam aniquilados, ou seja, deixariam de existir, ao invés de sofrerem tormento eterno. Além disso, tinha uma interpretação peculiar da *glossolalia*: entendia o fenômeno como *xenolalia*, isto é, o dom de falar línguas humanas reais e estrangeiras, que a pessoa nunca havia aprendido.

Um episódio notável foi o incidente de 1906 envolvendo William Joseph Seymour (1870-1922), aluno de Parham e posteriormente conhecido como “o pai do

49 Elle Hardy, “O pentecostalismo está se tornando a nova religião dos pobres no mundo todo,” *Jacobin Brasil*, 2022. Disponível em <https://jacobin.com.br/2022/06/opentecostalismo-esta-se-tornando-a-nova-religiao-dospobres-no-mundo-todo/>. Consultado em julho de 2024.

50 Paul Freston, *Pentecostalismo* (Belém: UNIPOP, 1996), 3.

51 Freston, *Pentecostalismo*, 4.

pentecostalismo” em Azusa Street. Seymour era negro, filho de escravos, cego de um olho e trabalhava como garçom. Devido ao racismo de Parham – que, segundo Freston,⁵² era ligado à Ku Klux Klan –, Seymour só podia assistir às aulas da escola bíblica do lado de fora da sala.

Mesmo assim, Seymour abraçou a mensagem pentecostal e aceitou o convite para pregar em uma igreja negra de santidade em Los Angeles, pastoreada por uma mulher. A pregação de Seymour gerou uma ruptura naquela comunidade, levando um grupo dissidente a alugar um antigo armazém que passou a se chamar “Missão da Fé Apostólica”. O principal jornal de Los Angeles ridicularizou os cultos com manifestações de línguas estranhas. Coincidentemente, no mesmo dia, um terremoto devastador destruiu a cidade de São Francisco, o que causou alvoroço e aumentou o interesse no fenômeno. Assim teve início o famoso “Reavivamento da Rua Azusa”.

Mas, afinal, o que era o movimento da Azusa Street? Segundo Freston, tratava-se de uma pequena igreja liderada por um negro que pastoreava muitos negros e mulheres. Para Freston, duas características definem o pentecostalismo nascente: “a presença negra e a presença feminina na liderança”.⁵³ Houve um forte esforço para abolir a segregação racial, refletindo a experiência mística e igualitária do Espírito. No entanto, os brancos não aceitaram facilmente a liderança de um negro. Como consequência, surgiram divisões e disputas teológicas – entre elas, o embate entre trinitários (que batizavam em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo) e os unicistas (que batizavam apenas em nome de Jesus).⁵⁴ O movimento pentecostal nasceu cismático e místico. Este é seu *ethos*.

Para demonstrar como o pentecostalismo surgiu no Brasil, Freston lança mão de uma metáfora que se tornou célebre nos estudos sobre o pentecostalismo brasileiro no campo das Ciências da Religião: a metáfora das ondas. Freston identifica três ondas que trouxeram o pentecostalismo para o país.

A primeira onda surgiu com a Congregação Cristã no Brasil, vinda por meio de italianos que foram “pentecostalizados” nos Estados Unidos, e com a Assembleia de Deus, trazida por suecos emigrados também dos Estados Unidos.

A segunda onda ocorre nos anos 1950, com a chegada da Igreja do Evangelho Quadrangular, que fez uma crítica à Assembleia de Deus e ao pentecostalismo já

52 Freston, *Pentecostalismo*.

53 Freston, *Pentecostalismo*, 5.

54 Em cada movimento de disputa teológica, a questão racial era determinante. A Assembleia de Deus nos Estados Unidos, é uma igreja branca que se separou (1914) da Igreja Deus em Cristo, que é a principal igreja negra dos Estados Unidos.

estabelecido,⁵⁵ e com a fundação da Igreja Brasil para Cristo, que pode ser vista como uma versão nacionalizada da Quadrangular.

Já a terceira onda surge a partir de 1979, no Rio de Janeiro, num contexto em que o “milagre econômico” iniciado no período de Juscelino Kubitschek já havia se esgotado. É nesse cenário que surgem igrejas como a Igreja Universal do Reino de Deus e a Igreja Internacional da Graça de Deus, consideradas neopentecostais.

O movimento pentecostal sempre se caracterizou por uma mística intensa, marcada pela busca do sobrenatural e pela ênfase nos dons espirituais, conhecidos como carismáticos. Para ressaltar essa questão, podemos destacar três pontos importantes observados por Bruner, autor não pentecostal, que analisa o movimento com atenção crítica e respeitosa.

A primeira questão é que, para Bruner, o foco do pentecostalismo está na experiência, especialmente na forma como o Espírito deve continuar atuando na Igreja atual, assim como na Igreja primitiva – por meio dos dons espirituais, de maneira pessoal e pública, nas reuniões pentecostais, onde esses dons encontram sua esfera mais significativa de operação.⁵⁶

A segunda questão apresentada por Bruner é o elemento subjetivista do movimento. Os grupos pentecostais se unem em torno da experiência da presença do divino, o que torna o movimento essencialmente místico. Contudo, essa característica não é exclusiva do pentecostalismo – ela pertence ao Cristianismo como um todo, embora seja acentuada na prática pentecostal.

A terceira questão que Bruner aponta é que “não é doutrina, mas sim a experiência do Espírito Santo que os pentecostais repetidas vezes asseveram que desejam ressaltar”.⁵⁷ Essa prioridade da experiência sobre a doutrina justifica, segundo teólogos do movimento carismático, a crítica dos pentecostais às igrejas históricas. Os pentecostais, conforme Bruner, geralmente percebem uma ausência de poder espiritual na igreja cristã contemporânea. Por isso, o movimento deseja restaurar a contemporaneidade do cristianismo apostólico.

É fundamental, para o crente pentecostal, que aquilo que se lê no Novo Testamento possa acontecer hoje. Trata-se de uma tentativa hermenêutica de ler o texto bíblico buscando vivenciá-lo no cotidiano. Nesse sentido, é possível estabelecer conexões com a ideia do princípio de identidade de Tillich, aplicada aqui de forma anacrônica à

55 Freston, *Pentecostalismo*, 21.

56 Bruner, *Teologia do Espírito Santo*, 20.

57 Bruner, *Teologia do Espírito Santo*, 20.

mística pentecostal. A identificação direta entre a experiência espiritual atual e os relatos bíblicos antigos revela uma forma viva de presença do divino – uma atualização da revelação que supera a separação entre o sagrado e o profano, o passado e o presente, o transcendental e o imanente.

4. Tillich – um diálogo anacrônico com os pentecostais

“A Presença Espiritual não destrói a estrutura do eu centrado, portador da dimensão do espírito. O êxtase não nega a estrutura”.⁵⁸

Obviamente, Tillich não era um pentecostal. Quando faleceu em 1965, o movimento pentecostal ainda não havia alcançado as dimensões mundiais que possui em nossos dias. Em seus escritos, não há ênfase direta sobre o movimento pentecostal. No entanto, ele menciona em sua *Teologia Sistemática* as chamadas “teologias da experiência” contemporâneas, que, segundo ele, são análogas ao misticismo dos montanistas, dos franciscanos radicais e dos anabatistas.⁵⁹

Tillich dedicou atenção especial a movimentos considerados precursores do pentecostalismo, frequentemente marginalizados pelas igrejas institucionalizadas – o “cristianismo oficial”, representado pelo Catolicismo e pelo Protestantismo Histórico. Um exemplo emblemático é o montanismo e sua crítica ao conservadorismo eclesiástico. Para os montanistas, o “Espírito” havia sido suprimido pela organização da Igreja. Segundo Tillich:

Os montanistas acreditavam representar o período do Paráclito, em seguimento aos períodos do Pai e do Filho. Os movimentos sectários revolucionários na história da Igreja, em geral, dizem a mesma coisa: pensam representar a época do Espírito Santo.⁶⁰

Outro movimento precursor valorizado por Tillich é o Pietismo. O princípio da experiência – ou princípio de identidade, como temos chamado – reapareceu com força no pietismo continental, no independentismo anglo-americano, no metodismo e no

58 Tillich, *Teologia sistemática*, 570.

59 Tillich, *Teologia sistemática*.

60 Paul Tillich, *História do pensamento cristão* (São Paulo: ASTE, 2007), 59.

evangelicalismo. Tillich afirma: “O misticismo era o denominador comum presente no pietismo, ou avivalismo, como também é chamado”.⁶¹

Ao analisar o Pietismo, Tillich demonstra que este movimento retomava o misticismo presente no jovem Lutero, posteriormente obscurecido pela ortodoxia luterana. A luta pela valorização do elemento subjetivo da religião estava, assim, lançada no Cristianismo, abrindo caminho para os movimentos místicos – como o pentecostalismo.⁶²

Outra ligação importante entre Tillich e a mística pentecostal está na ênfase que ele atribui ao papel do Espírito Santo em sua *Teologia Sistemática*. Poderíamos chamar Tillich, sem exagero, de o “teólogo do Espírito Santo”. A Parte IV de sua obra *Teologia Sistemática* (2005), trata do tema “Vida e Espírito” (p. 474-727), com os seguintes subtópicos:

- *A vida, suas ambiguidades e a busca da vida sem ambiguidade,*
- *A presença espiritual,*
- *O Espírito divino e as ambiguidades da vida e*
- *Os símbolos trinitários*

Tillich procurou demonstrar a Presença Espiritual através da afirmação metafórica de que o Espírito divino habita no espírito humano. Essa relação entre o divino e o humano, entre o incondicional e o condicionado, entre o fundamento criativo (o Absoluto) e a existência criada, expressa-se no fato de que o Espírito irrompe no espírito humano. A Presença Espiritual está além do espírito humano; o ser humano é “possuído”, em linguagem tillichiana, por algo último e incondicional. Tillich chama esse fenômeno de “êxtase”, termo clássico para designar esse estado de ser tomado pelo Espírito:

O espírito, uma dimensão da vida finita, é levado a uma autotranscendência efetiva; é possuído por algo último e incondicional. Ele continua a ser espírito humano; continua a ser o que é, mas, ao mesmo tempo, sai de si mesmo sob o impacto do Espírito divino. “Êxtase” é o termo clássico para designar este estado de ser possuído pelo Espírito divino, ou seja, pela “Presença Espiritual”.⁶³

61 Tillich, *Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX*, 51.

62 Tillich, *História do pensamento cristão*.

63 Tillich, *Teologia sistemática*, 568.

Contudo, diferentemente de muitos movimentos carismáticos contemporâneos, Tillich não dissocia a experiência mística da razão. Ele busca integrar o aspecto extático com o aspecto cognitivo do espírito humano. O êxtase, portanto, não destrói a racionalidade, nem contribui para a intensificação da ambiguidade da vida. Comentando o exercício dos dons carismáticos em Corinto, Tillich afirma que:

Paulo resiste a qualquer tendência que permita ao êxtase destruir a estrutura. [...] Ele rejeita o falar extático em línguas se este produz caos e destrói a comunidade; ele rejeita a ênfase em experiências extáticas pessoais se estas produzem *hybris*, e os outros carismas se não estão sujeitos ao ágape. Ele expõe então a maior criação da Presença Espiritual: o próprio ágape.⁶⁴

Tillich, como filósofo e teólogo de grandes sínteses, busca unir as dimensões da subjetividade e da objetividade, revelando um pensamento intersubjetivo e existencial. Sua teologia pode ser vista como um esforço para preencher a lacuna deixada por Kant, que Kierkegaard também tentou abordar por meio do existencialismo. Tillich, por sua vez, responde a essa lacuna com a noção da preocupação última – estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente.

Essa experiência da Presença Espiritual cria uma vida sem ambiguidades:

A Presença Espiritual cria um êxtase em ambas; o espírito humano é levado para além de si mesmo sem ser destruído em sua estrutura essencial, isto é, racional. O êxtase não destrói a centralidade do eu integrado. Caso o fizesse, isto representaria possessão demoníaca em vez da presença criativa do Espírito. Embora o caráter extático da experiência da Presença Espiritual não destrua a estrutura racional do espírito humano, ela realiza algo no espírito humano que este não poderia fazer por si mesmo.⁶⁵

Os movimentos pentecostais – ou, na linguagem de Tillich, as “teologias da experiência” – vivem constantemente essa tensão entre o racionalismo e o clericalismo das igrejas oficiais (como o Catolicismo e o Protestantismo Histórico) e o princípio de identidade – isto é, a mística, que oferece um acesso imediato ao Absoluto. Tillich, ainda

64 Tillich, *Teologia sistemática*, 572.

65 Tillich, *Teologia sistemática*, 568.

que de forma anacrônica, soube captar essa tensão ao analisar movimentos místicos ao longo da história do Cristianismo.

A metáfora que uso do “filho bastardo” do Protestantismo é interessante: o Pentecostalismo, inicialmente rejeitado, cresceu à margem do cristianismo oficial. Ironicamente, hoje ele se tornou protagonista, enquanto os "racionalistas" (os grupos históricos) parecem definhar à margem da força numérica, social e simbólica dos movimentos pentecostais no Brasil?

Considerações finais

Procurou-se, no legado de Paul Tillich – um dos mais importantes filósofos e teólogos da contemporaneidade – um conceito distintivo que permeia suas obras: o princípio de identidade, ou, como vimos, o “misticismo” como elemento fundante de sua ontologia.

A princípio, examinou-se a biografia de Tillich, buscando “pistas” de uma vida influenciada pelo misticismo, refletida na vivência paroquial de sua infância; na influência da figura do pai, que representava, no imaginário de Tillich, o teísmo autoritário e insensível; e da doce figura da mãe, que representava o amor. Soma-se a isso sua experiência como pastor luterano, sua atuação como capelão na Primeira Guerra Mundial e sua vida espiritual ambígua, vivida entre “o santo e o profano” – uma existência nas fronteiras.

Foram também analisadas outras influências que pavimentaram o misticismo de Tillich, como Kierkegaard, Schleiermacher e Schelling, com uma menção, ainda que breve, à filosofia de Kant.

Antes de apresentar o diálogo anacrônico entre Tillich e o movimento pentecostal, procurou-se oferecer um resumo da história e da teologia deste último.

A proposta consistiu em apontar que o princípio de identidade resgatado por Tillich pode ser encontrado na mística do movimento pentecostal, ainda que este estudo não abranja todas as influências que Tillich recebeu, tampouco todos os aspectos do misticismo pentecostal, deixando, assim, lacunas intencionais que poderão ser exploradas em futuras pesquisas.

Referências Bibliográficas

- Braaten, Carl E. *History and Hermeneutics*. Philadelphia: Westminster Press, 1966.
- Bruner, Frederick Dale. *Teologia do Espírito Santo*. São Paulo: Vida Nova, 1986.
- Calvani, Carlos Eduardo. “Espiritualidade e pregação em Tillich.” *Estudos Teológicos* 44, no. 2 (2004): 18–28.
- . “A fronteira é o melhor lugar para adquirir conhecimento – circunstâncias históricas e pessoais da formação de Tillich.” *Estudos de Religião* 30, no. 3 (2016): 165–88.
- Certeau, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- Freston, Paul. *Pentecostalismo*. Belém: UNIPOP, 1996.
- Grenz, Stanley J., and Roger E. Olson. *A teologia do século 20 e os anos críticos do século 21: Deus e o mundo numa era de transição*. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.
- Hardy, Elle. “O pentecostalismo está se tornando a nova religião dos pobres no mundo todo.” *Jacobin Brasil*, 2022. Disponível em: <https://jacobin.com.br/2022/06/opentecostalismo-esta-se-tornando-a-nova-religiao-dospobres-no-mundo-todo/>. Consultado em julho de 2024.
- Kierkegaard, Søren Aabye. *O conceito de angústia*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- May, Rollo. *Paulus – Reminiscences of a Friendship*. New York: Harper & Row, 1974.
- Otto, Rudolf. *O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.
- Reale, Giovanni, and Dario Antiseri. *História da filosofia: patrística e escolástica*. São Paulo: Paulus, 2003.
- Ribeiro, Claudio de Oliveira. “Teologia no plural: fragmentos biográficos de Paul Tillich.” *Correlatio* 3 (2003): 3–26.
- Schleiermacher, Friedrich. *Hermenêutica: arte e técnica da interpretação*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- . *Hermenêutica e crítica*. Vol. 1. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.
- . *On Religion: Speeches to Its Cultured Despisers*. New York: Frederick Ungar Publishing Co., 1955.
- . *Sobre a religião*. São Paulo: Fonte Editorial, 2000.
- Silva, Marcos Novaes da. *Um diálogo entre João Amos Comenius e Paulo Freire sobre educação libertadora à luz do personalismo cristão*. PhD diss., Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2024.
-

Tillich, Hannah. *From Time to Time*. New York: Stein and Day, 1973.

Tillich, Paul. *The Eternal Now*. New York: Charles Scribner's Sons, 1963.

———. *A coragem de ser*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

———. *Dinâmica da fé*. São Leopoldo: Sinodal, 1985.

———. *Perspectivas da teologia protestante nos Séculos XIX e XX*. São Paulo: ASTE, 1999.

———. *Teologia sistemática*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

———. *História do pensamento cristão*. São Paulo: ASTE, 2007.

———. *Teologia da cultura*. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.